

Ana Plácido



“Ó mulher fatal, o que eu te devo, o que eu descobri na minha alma, que tesouros de amor, de gratidão, de paciência, de devoção religiosa, de consoladoras lágrimas, de esperanças imortais, de fantasias ridentíssimas! Tudo teu, tudo por ti, minha providência! Cada lágrima tua, uma flor aberta a perfumar a Divindade em minha alma!

Camilo C. B.

Ana Augusta Plácido nasceu a 27 de Setembro de 1831, no Porto, e era filha do negociante António José Plácido Braga e de Dona Ana Augusta Vieira.

Recebeu uma educação que as normas em vigor estabeleciam na pequena burguesia comercial para as meninas da sua condição, embora manifestasse, desde cedo, interesses de ordem cultural e literária mais vastos.

O pai, preocupado em colocar bem na vida os 12 filhos que tinha, não se poupava a esforços para agenciar casamentos que lhes melhorassem a posição social. E foi assim, que, apesar da pouca vontade desta, casou Ana Plácido com um seu colega, Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro rico e já a caminho dos 50 anos, quando ela tinha 19 anos. É bom de ver que Ana Plácido se sentiu sacrificada a uma relação que ela não tinha desejado, e a um homem por quem não sentia amor, visto que entregara já o seu coração a um escritor famoso e ainda jovem que conhecera num baile da Assembleia Portuense, por volta de 1848, Camilo Castelo Branco.

No ano de 1852, a 29 de Março, o pai de Ana Plácido morre no naufrágio do vapor Porto, tendo-lhe a mãe só sobrevivido 3 anos; em outubro de 1858, dois meses depois do nascimento de uma criança, que as más línguas consideram ser já de Camilo, mas que os documentos registavam como filho de Pinheiro Alves, uma irmã cai vítima da tuberculose. E é precisamente neste ano que o adultério se realiza. Acontece em Braga, quando Ana Plácido se encontra lá a acompanhar a sua irmã doente. Tornam-se amantes e nos começos de 1859, o escândalo torna-se público. Pinheiro Alves toma conhecimento do que se passa e tudo faz para manter o lar já desmantelado; Ana Plácido vai com o pequeno Manuel para Convento da Conceição em Braga. Camilo visita-a e a 3 de agosto mãe e filho fogem e vão para a companhia de Camilo. Manuel Pinheiro Alves recorre aos tribunais e instaura-lhes um processo-crime. Ana Plácido é presa e dá entrada na Cadeia da Relação do Porto, a 6 de junho de 1860. Camilo, depois de andar fugido, acaba por se entregar à prisão no dia 1 de outubro. Nos dias 15 e 16 desse mês, os réus são absolvidos e libertados. Vão para Lisboa e em 1863 nasce mais um filho, o Jorge. A 15 de junho Pinheiro Alves morre e Ana Plácido passa a administrar a fortuna que o seu filho Manuel herdara. Dela faz parte a casa de S. Miguel de Ceide, onde se instalam a partir de 1864. Nesse ano nasce também o filho Nuno.

Completamente esquecida das festas e bailes da sua mocidade, entrega-se Ana Plácido às lides domésticas e aos cuidados familiares, sem, no entanto, deixar de colaborar na vida cultural e literária que lhe dava ânimo e por certo alguma evasão das tristezas, dúvidas e até dificuldades que o casal atravessava.

Colaborou em vários jornais, como *O Ateneu*, *O Nacional*, *A Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, *A Gazeta Literária do Porto*, *O Civilizador* e *O Leme*.

Em 1863 publica *A Luz Coada por Ferros*, onde relata a experiência da Cadeia da Relação e em 1871, publica ainda *A Herança de Lágrimas*, sob o pseudónimo de Lopo de Sousa. Com o pseudónimo de Gastão Vidal de Negreiros, publicou, na Gazeta Literária, o romance *Regina* que ficou por terminar. Ainda sob pseudónimo, fez imensas traduções.

Dos registos sobre a autora não consta, como é evidente, a força interior e intelectual, o apoio, o carinho e fundamentalmente a energia criadora que alimentava a produção literária, que tão bem conhecemos, de Camilo. Mas todos sabemos que é na vasta obra do marido que ela se encontra. Como diz Aníbal Pinto de Castro, “O que Ana Plácido representou para o Camilo criador foi, acima de tudo, um diapasão por cuja nota

ele afinou a sua sensibilidade à complexa psicologia feminina, tanto como matéria diegética como destinatária virtual ou ideal das suas criações ficcionais e das mensagens de vibração emocional e simpática que ele nelas e com elas pretendia dar.”

Só em 1888, no dia 9 de março e depois de Camilo ter sido agraciado com o título de Visconde, é que se realiza o casamento entre os dois. Camilo suicida-se em 1890 e Ana Plácido ainda vive 5 anos sempre em S. Miguel de Ceide. Vítima de um ataque, morre no dia 20 de setembro de 1895.

A casa de S. Miguel de Ceide, Vila Nova de Famalicão, onde Camilo Castelo Branco e Ana Plácido viveram, é hoje a Casa-Museu de Camilo. Ela dá a conhecer mobiliário que pertenceu a Camilo Castelo Branco e à família, assim como o extraordinário acervo da biblioteca pessoal do autor: originais, prefácios, traduções, cartas, recortes de imprensa, exemplares periódicos em que Camilo colaborou ou foi diretor; encontram-se ainda peças de iconografia diversa, como escultura e pintura.

No dia 1 de junho de 2005, por ocasião dos 115 anos do falecimento do escritor, foi inaugurado, em terrenos fronteiros à Casa de Camilo, um edifício da autoria do arquiteto Álvaro Siza Vieira, que compreende um auditório, salas de leitura e de exposições temporárias, cafetaria, gabinetes de trabalho e reservas.

Cidália Fernandes